

# Entre grifos, esboços e rasuras: as representações sociais de psicólogo para estudantes de psicologia

*Between underlines, drafts and erasures: social  
representations of the psychologist for psychology students*

*Entre grifos, esbozos y rastros: las representaciones sociales  
del psicólogo para estudiantes de psicología*

*Danielle Oliveira da Nóbrega\**  
*Erika dos Reis Gusmão Andrade\*\**

## Resumo

*Objetiva-se discutir os resultados de um estudo que enfocou as representações sociais de psicólogo para os estudantes de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas/Unidade Educacional de Palmeira dos Índios. Com fundamento teórico-metodológico na Teoria das Representações Sociais, realizou-se uma pesquisa qualitativa, com a reunião de procedimentos metodológicos diversos: a análise documental, Técnica de Associação Livre de Palavras – TALP – e grupo focal. Devido ao recorte proposto, o presente trabalho discute os dados provenientes da TALP, da qual participaram 169 estudantes de Psicologia do referido curso e que foi realizada com a associação ao termo “psicólogo”. Com a técnica de análise do conteúdo, chegou-se a cinco categorias, que compõem o campo semântico de psicólogo: perfil, função, trabalho, ciência e processo formativo. Os resultados sinalizam que o desenho do psicólogo aproxima-se do modelo tradicional de atuação, entretanto, tal desenho encontra-se em*

---

\* Professora do curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas/Unidade Educacional de Palmeira dos Índios. Doutoranda de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Atua na área de Psicologia Escolar/Educacional. E-mail: dani.nobrega@gmail.com

\*\* Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Atualmente é Professora do Departamento de Fundamentos e Políticas da Educação e Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma universidade, na Linha de Pesquisa Práticas Pedagógicas e Currículo. E-mail: ergandrade@gmail.com

movimento, com a inserção de outros traços que apontam práticas que visam romper com tal modelo. Diante disso, para possibilitar a reconfiguração desse modelo, o processo formativo deve abrir espaço para o diálogo entre diferentes saberes, objetivando a reflexão sobre a Psicologia e suas práticas subjacentes.

**Palavras-chave:** Formação do psicólogo. Representações sociais. Técnica de Associação Livre de Palavras.

## Abstract

*This paper aims to discuss the results of a study focused on the social representations of the psychologist for psychology students at the Federal University of Alagoas / Palmeira dos Índios Educational Unit. Theoretically and methodologically based on the Theory of Social Representations, a qualitative research was conducted with the combination of several methodological procedures: document analysis, free evocation of words technique – FEWT - and focus group. The data from FEWT, attended by 169 Psychology students from Palmeira dos Índios, which was held with the evocation to the word “psychologist” is analyzed. With the content analysis technique, five categories were reached that cover the psychologist semantic field: profile, function, work, science and educational process. The results indicate that the psychologist drawing approaches the traditional model of work, however, such a design is in constantly changing with the inclusion of other traits that link practices intended to break away from such a model. Therefore, in order to enable the reconfiguration of this model, the educational process should open space for the dialogue between different knowledges, aiming to reflect on psychology and its underlying practices.*

**Keywords:** Psychology training. Social representations. Free evocation of words technique.

## Resumen

*Se pretende discutir los resultados de un estudio que enfocó en las representaciones sociales del psicólogo para los estudiantes de Psicología de la Universidad Federal de Alagoas/Unidad educacional de Palmeira dos Índios. Con fundamento teórico-metodológico en la teoría de las representaciones sociales, fue realizada una investigación cualitativa, con la reunión de diversos procedimientos metodológicos: el análisis documental, técnica de asociación libre de palabras-TALP- y grupo focal. Debido al objetivo propuesto, el presente trabajo discute los datos provenientes de la TALP, en la cual participaron 169 estudiantes de psicología del curso referido y que fue realizada con la asociación al término “psicólogo”. Con la técnica de análisis de contenido, se establecieron cinco categorías, que componen el campo semántico de psicólogo: perfil, función, trabajo, ciencia y proceso formativo. Los resultados señalaron que el diseño del psicólogo se aproxima al modelo tradicional de actuación,*

*sin embargo, tal diseño se encuentra en movimiento, con la inserción de otros trazos que apuntan prácticas que visan quebrar con tal modelo. Frente a eso, para posibilitar la reconfiguración dese modelo, el proceso formativo debe abrir espacio para el diálogo entre diferentes saberes, objetivando la reflexión sobre la psicología y sus prácticas subyacentes.*

**Palabras clave:** *Formación del psicólogo. Representaciones sociales. Técnica de asociación libre de palabras*

## TRAÇOS INICIAIS

O debate sobre a formação do psicólogo e seus modelos de atuação profissional perdura desde antes da regulamentação da profissão, com a Lei nº 4.119 de 1962. Naquele período, já se discutia quais aspectos a formação deve privilegiar, que perfil profissional deve se sobressair e suas implicações na realidade brasileira. Questões sobre o caráter técnico e o científico, as relações entre teoria e prática, o alcance social, os anseios por uma prática liberal-privatista e a demanda pela solução de problemas de ajustamento circundavam a Psicologia em seus primeiros cursos e se desdobraram em reflexões e estudos que se estenderam após a regulamentação e ainda hoje têm sido evocadas em diferentes reflexões (Botomé, 1979/2010; Mello, 1989; Mello, 1975/2010; Mello, 2010).

Com efeito, constata-se, nos dias atuais, que o debate ampliou-se e amadureceu, incluindo tópicos sobre o currículo em Psicologia e as Diretrizes Curriculares Nacionais (Bernardes, 2012; Seixas, 2014), o rompimento com modelos tradicionais de atuação (Dimenstein & Macedo, 2012), o projeto ético-político de profissão (Yamamoto, 2012), a expansão universitária e dos cursos de Psicologia (Macedo & Dimenstein, 2011), entre outros. Acrescentamos os estudos fundamentados na Teoria das Representações Sociais (doravante, TRS) que prescrutaram as representações sociais de Psicologia e de psicólogo para diferentes grupos, desde os próprios psicólogos e estudantes de graduação até usuários de serviços de Psicologia (Lahm & Boeckel, 2008; Leme, Bussab, & Otta, 1989; Praça & Novaes, 2004).

A profusão de estudos sobre a formação do psicólogo sinaliza a manutenção da atualidade do debate e sua necessária continuidade, visando

refletir sobre as relações e tensionamentos entre as práticas tradicionais e as possibilidades de construção de um projeto ético-político progressista para a Psicologia. É nesse cruzamento que se insere o presente texto que tem o intuito de discutir os resultados de uma pesquisa acerca das representações sociais de psicólogo para estudantes de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas – UFAL – que compõem a Unidade Educacional de Palmeira dos Índios. Diante da amplitude da referida pesquisa, optamos, neste trabalho, por um recorte, no qual discutimos os resultados de um dos procedimentos metodológicos, a Técnica de Associação Livre de Palavras – TALP. Conhecer tais representações sociais é pertinente ao debate ora apresentado, uma vez que o acesso a essas representações pode explicitar aspectos referentes à dimensão simbólica do processo formativo. Tal conhecimento, pois, traz subsídios ao debate sobre a formação por considerar as possíveis relações entre os saberes advindos do senso comum e aqueles produzidos ao longo do curso.

Para tanto, primeiro, abordamos a formação inicial do psicólogo e a necessidade de reflexão sobre a ênfase no modelo clínico tradicional visando a construção de novas possibilidades de atuação. Em seguida, apresenta-se, de forma breve, os procedimentos metodológicos desenvolvidos. Depois, são discutidos os resultados referentes à TALP, nos quais se observa um desenho profissional pertinente ao modelo clínico tradicional, porém, com a presença de outros traços que podem colocar em movimento as representações sociais de psicólogo. E, por fim, são tecidos comentários finais, corroborando o entendimento de que as representações sociais fornecem subsídios importantes para refletir sobre a formação no ensino superior e da necessidade de compreender a formação como espaço de diálogo entre diferentes formas de saber.

## **(RE)DESENHANDO A FORMAÇÃO INICIAL: ENTRE MODELOS TRADICIONAIS E NOVAS PRÁTICAS**

Os estudos sobre a formação do psicólogo indicam o quão notório é o incremento de cursos de Psicologia no país e seu direcionamento a localidades que até então não possuíam essa formação e com a diversificação de

suas atuações (Macedo & Dimenstein, 2011). Nesse sentido, ao realizarem uma caracterização dos cursos de graduação em Psicologia no Brasil, em 2007, Lisboa e Barbosa (2009) já atentavam para a grande, rápida e desordenada expansão desses cursos a partir de década de 1990 e atentavam para a transformação urgente da formação do psicólogo.

De fato, o olhar para as últimas décadas sublinha a necessidade de revisão do modelo tradicional de atuação, em que predomina a vertente clínica de atendimento individual, com fortes intenções curativas e em um modelo profissional médico-liberal (Dimenstein, 2000), visando a construção de práticas mais coerentes com a realidade brasileira. Estudos questionam as práticas tradicionais e atentam para a inserção da Psicologia nas políticas sociais, a ampliação de sua intervenção para regiões do interior, a construção de práticas emergentes, a atenção a grupos que anteriormente não eram atendidos pela Psicologia, entre outros (Bock, 2009; Cruces, 2006; Dimenstein & Macedo, 2012; Yamamoto, 2009).

O modelo clínico tradicional está presente desde o início da formação em Psicologia, com a regulamentação da Lei nº 4.119 de 1962 (Brasil, 1962). Mello (1989), ao avaliar essa formação nos primeiros 27 anos de profissão, sinalizou que, desde a criação dos primeiros cursos, já se enfatizava a clínica como modelo de atuação do psicólogo. A autora frisa que com a regulamentação da profissão, as áreas de testes psicológicos e de clínica, com consultório particular, passaram por uma significativa expansão.

Embora tal escrito seja de 1989, Mello (1989) aborda temas ainda presentes nos cursos de Psicologia, como a existência de áreas aplicadas da Psicologia. Também é atual sua defesa para que a atuação não se restrinja à clínica tradicional, expandindo-se ao âmbito das instituições.

Além disso, de forma hegemônica, consolida-se um currículo com tendências tecnicistas e direcionado ao treino e à utilização de instrumento e técnicas psicológicas (Reis & Guareschi, 2010). O psicólogo é desenhado como um profissional que enfoca o comportamento do indivíduo, sem necessariamente considerar as condições sócio-históricas que atravessam e produzem tal comportamento. Em sua formação, esse profissional deve desenvolver a capacidade de avaliar o indivíduo, de diagnosticar possíveis desvios, contribuindo em sua adaptação às demandas sociais. Nesse modelo

formativo, os espaços reservados à reflexão sobre os saberes e fazeres da Psicologia são mínimos, com pouca atenção à posição ética e política e aos atravessamentos ideológicos da profissão.

Não obstante, observa-se que, nas últimas décadas, as estruturas dos cursos de Psicologia se alteraram. Abandonou-se o entendimento de um currículo mínimo e se abarcou as configurações possíveis a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais – DCNs - para os cursos de graduação em Psicologia (Brasil, 2011), o que abriu possibilidades de disposição de diferentes ênfases para esses cursos.

Tais mudanças têm propiciado, ao menos no âmbito das DCNs, uma maior preocupação com uma formação que ultrapasse o foco técnico e considere a dimensão política da profissão. Todavia, isso não implica necessariamente em uma formação que, de fato, incorpore tais preocupações. Assim, cabe-nos pensar sobre o compromisso social do psicólogo, problematizando o que seria esse compromisso e em que poderia contribuir para a construção de um projeto ético-político crítico e progressista para a profissão (Yamamoto, 2012).

Nossas reflexões apontam que pensar em um projeto ético-político da profissão implica refletir tanto sobre o currículo, as condições materiais e estruturais dos cursos e as políticas de educação superior, como sobre o redesenhar das imagens de psicólogo que estão fortemente enraizadas no cotidiano profissional. Nessa direção, compreendemos que a formação inicial do psicólogo também se constitui nos afetos e nas representações sociais dos estudantes de Psicologia.

O cotidiano de formação sinaliza-nos que a expectativa desses estudantes é marcada pela preferência pelo modelo clínico-liberal tradicional recorrentemente tão problematizado. Com efeito, tais falas são constantemente questionadas ao longo do curso, sendo recorrentes os momentos de (des)construção e (re)construção do que é ser psicólogo, os quais concorrem na reconstituição de representações sociais.

Nesta perspectiva, estudos envolvendo a formação profissional devem considerar não somente discussões sobre conteúdo, técnicas ou referenciais adotados, como também é preciso compreender o universo simbólico dos

estudantes, na tentativa de acessar suas representações sobre os objetos e fenômenos sociais que compõem esse processo. É esse o caminho que assumimos e cujas trilhas metodológicas apresentamos na próxima seção.

## OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS EM DELINEAMENTO

Realizou-se uma investigação de caráter qualitativo, em que se reuniu estratégias de produção de dados, como a Técnica de Associação Livre de Palavras, o grupo focal e a pesquisa documental de modo a abordar o objeto de estudo em sua complexidade. Diante da profusão de dados e reflexões advindos dos procedimentos, nesse trabalho, expomos os resultados e discussões provenientes da TALP.

A investigação ocorreu no Estado de Alagoas, especificamente na UFAL/Unidade Educacional de Palmeira dos Índios. Nesta Unidade, funcionam os cursos de Psicologia e de Serviço Social, sendo o primeiro o único curso de Psicologia do interior alagoano. Na realização da TALP, contamos com 169 estudantes pertencentes às cinco turmas de Psicologia da referida Unidade. Tendo caráter exploratório, seu intuito foi permitir as primeiras aproximações com o contexto e as nuances do estudo, fornecendo as bases para o grupo focal.

Com a TALP, busca-se a evocação de palavras, por parte participantes, a partir da apresentação de um termo indutor de modo a suscitar associações de maneira espontânea. Nesse sentido, a intenção é que as palavras sejam evocadas em um contexto com o mínimo de racionalizações possível, visando que conteúdos latentes possam vir à tona e permitindo, assim, a aproximação com as representações sociais e seu campo semântico (Oliveira, Marques, Gomes, & Teixeira, 2005). No caso, o termo escolhido para a técnica foi “psicólogo”. Os estudantes receberam instruções por escrito em que se solicitava que escrevessem as três primeiras palavras que viessem a sua cabeça ao ouvir tal termo. Em seguida, solicitava-se que eles justificassem suas evocações.

A seguir, apresentamos os resultados das evocações, que foram analisadas a partir da técnica de Análise de Conteúdo (Bardin, 2004).

## REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PSICÓLOGO: PRIMEIROS TRAÇOS

Dentre as técnicas dispostas na Análise de Conteúdo, optou-se pela análise categorial que diz respeito à divisão da mensagem em categorias, considerando os agrupamentos analógicos, os quais seguem um determinado critério. Em nosso caso, devido ao objeto em estudo, adotou-se o critério semântico, que prioriza a análise temática que, por seu turno, analisa os núcleos de sentido que compõem a comunicação (Bardin, 2004).

Nessa análise, foram reunidas todas as evocações dos estudantes participantes, resultando em 501 palavras ou expressões. O mapeamento do campo semântico de “psicólogo” foi realizado com a soma da frequência das evocações, as quais foram, posteriormente, reunidas por proximidade semântica, totalizando 101 evocações. Para esse exercício, as justificativas elaboradas pelos participantes foram deveras relevantes, pois propiciaram o esclarecimento do sentido de alguns termos evocados e apontaram outras discussões acerca do objeto, exploradas no grupo focal.

Após tais procedimentos, a análise categorial foi realizada. Nesse caso, Bardin (2004) orienta que a mensagem (na TALP, as palavras) seja dividida em categorias, conforme os agrupamentos analógicos. O que se tem é a organização das evocações em categorias, as quais foram elaboradas a partir da relação entre os dados e as discussões teóricas sobre a formação do psicólogo. Essa organização, então, permitiu a emergência do campo semântico da palavra “psicólogo”.

Desse modo, identificou-se cinco categorias, que nominamos como campos e que constituem o campo semântico de psicólogo, como expõe o Quadro 1. Nele, observa-se a organização nos cinco campos: perfil, função, trabalho, ciência e processo formativo, os quais compõem os primeiros traços acerca da representação social de psicólogo.



Quadro 1 – Campo semântico de “Psicólogo” com as palavras evocadas e suas frequências

<b>Campo 1 Perfil</b>	<b>Campo 2 Função</b>	<b>Campo 3 Trabalho</b>	<b>Campo 4 Ciência</b>	<b>Campo 5 Processo formativo</b>
Amor = 22	Ajudar = 38	Escuta = 20	Mente = 17	Profissão = 32
Responsabilidade = 14	Cuidar = 22	Terapia = 12	Comportamento = 8	Sonho = 15
Compromisso = 10	Autoconhecimento = 6	Clinica = 11	Conhecimento = 8	Futuro = 10
Respeito = 9	Orientação = 6	Compreensão = 10	Ciência = 6	Estudos = 10
Sigilo = 7	Vida = 5	Acolher = 8	Psicanálise = 3	Realização = 7
Empatia = 6	Mudança = 4	Conselho = 8	Pesquisa = 3	Desafio = 6
Profissional = 5	Apoio = 3	Análise = 6	Subjetividade = 3	Estabilidade = 4
Humano = 5	Solidariedade = 3	Comunidade/grupo = 5	Cérebro = 2	Luta = 4
Confiança = 4	Saúde/doença mental = 3	Pessoas = 4	Análise do comportamento = 2	Formação = 4
Amigo = 4	Saúde = 3	Paciente = 3	Multifacetado = 2	Opção = 3
Sensibilidade = 4	Libertação = 2	Consultório = 3	Espírito = 1	Importante = 3
Ética = 4	Desabafo = 2	Conversa = 3	Personalidade = 1	Medo = 3
Paciência = 4	Alívio = 2	Técnica = 3	Interação ambiente/sujeito = 1	Incertezas = 3
Competência = 3	Depressão = 2	Intervenção = 3	Fenomenologia = 1	Dificuldade = 2
Dedicação = 3	Relacionamento = 1	Teste = 2		Desvalorização = 2
Racional = 3	Humanização = 1	Mediador = 1		Status = 1
Compromisso ético-político = 3	Classificação = 1	Facilitador = 1		Cansaço = 1
Humildade = 2	Emocional = 1	Planejamento = 1		Stress = 1
Tranquilidade = 2		Controle = 1		Treino = 1
Afeto = 2		Louco = 1		Apresentação de TCC = 1
Atenção = 1				Incomodo = 1
Coragem = 1				Professores = 1
Bom = 1				Confusão = 1
Motivação = 1				
Doçura = 1				
Assertividade = 1				

Para iniciar as reflexões sobre os resultados, destacamos a afirmativa de Moscovici (1976/2012) de que toda representação é uma representação de alguma coisa para alguém. Há duas faces indissociáveis no ato de representar: a figura e a significação, quer dizer, a estrutura da representação possui, respectivamente, uma face icônica e outra simbólica.

É possível associar tal afirmação de Moscovici com o entendimento de Wagner, Hayes e Palacios (2011), que concebem a representação social como uma imagem estruturada, apresentada de modo icônico ou metafórico. Apesar de ser uma imagem de um dado objeto social, ela não é uma cópia na medida em que figura e significação se articulam. Assim, ao se representar, a face simbólica abrange referências distintas que redesenharão a figura, compondo novas imagens em representação.

Ao observarmos o quadro com as evocações para “psicólogo”, pode-se constatar que se trata de um profissional que deve ter amor pela profissão. Trata-se, ainda, de um trabalho cujas funções são ajudar e cuidar do outro, as quais ocorrem, principalmente, pela escuta, em uma relação estabelecida no consultório clínico. A Psicologia também consiste em uma ciência, com foco no estudo da mente e do comportamento. Por fim, o campo semântico revela elementos do processo formativo do psicólogo, que é permeado por estudos e muita luta em vistas da realização do sonho de praticar essa profissão no futuro.

O delineamento da imagem ora evidenciada expõe traços fortes e outros mais brandos, como também se encontra rasuras e reconfigurações que denotam movimentos nesse desenho. Esses movimentos são fundamentais no entendimento das representações sociais, as quais, segundo Moscovici (2005, p. 210) possuem um caráter dinâmico em contraponto com uma perspectiva estática de conhecimento: “do ponto de vista dinâmico, as representações sociais se apresentam como uma ‘rede’ de idéias [sic], metáforas e imagens, mais ou menos interligadas livremente e, por isso, mais móveis e fluidas que teorias”.

Destarte, quando tratamos das imagens de psicólogo evocadas pelos estudantes de Psicologia, não as abordamos de modo estático. As faces simbólica e figurativa estão em uma relação indissociável, propiciando

o movimento e a dinamicidade aos elementos dispostos e permitindo a reflexão sobre as representações sociais de psicólogo. Vejamos tais movimentos com as discussões de cada campo.

O primeiro campo é denominado “Perfil” e diz respeito aos elementos que compõem o que é ser psicólogo, ou seja, seu perfil, suas características. Os termos que aqui se destacam são amor, responsabilidade, compromisso, respeito, conhecimento, sigilo, empatia, profissional, humano, confiança, amigo, sensibilidade, ética, paciência, etc.

Quando os estudantes elencam esses termos, estão tratando dos atributos do profissional, o que indica uma profissionalização baseada em afetos, como o amor. Amar seria a condição básica para exercer bem a profissão. Observando essas características, percebe-se a presença forte de atributos pessoais, que não são necessariamente aprendidos ao longo da formação profissional. Vejamos uma justificativa com esse teor: “Para ser um bom psicólogo precisa ter amor pela profissão para poder exercer com compreensão máxima” (P 3, 1º período).

Além do amor, também estão presentes atributos comumente associados à imagem do psicólogo, como sigilo, amigo, confiança e paciência. O que se desenha é a imagem de alguém que é amigo, confiável, compreensivo, o que remete a outras investigações sobre o tema. É o caso do estudo de Leme et al (1989) que realizaram uma pesquisa entre 1976 e 1984 com 556 estudantes que haviam ingressado em um curso de Psicologia de São Paulo. Dentre seus resultados, também se constatou a presença de características pessoais, como seguro, inteligente, paciente, honesto e digno de admiração, bem como as autoras depararam-se com a categoria “confidentes”, na qual estão inseridas figuras como a de pai, conselheiro, amigo e a de babá.

Com efeito, a evocação das palavras relativas aos atributos pessoais na TALP não deixam dúvidas sobre o peso que estes possuem, porém, é válido destacar que outros traços mais próximos do que seria uma profissionalidade também estão presentes nesse desenho: responsabilidade, compromisso, profissional, compromisso ético-político e ética. Para entender tais elementos, recorreremos às justificativas, que sinalizam o compromisso com a profissão e a ética. A Psicologia pode contribuir socialmente com uma atuação mais crítica e comprometida: “O comprometimento ético-político

eu elejo como importante na prática psicológica tendo em vista o lugar de onde eu vim e de onde eu falo. Foi através dele que eu consegui firmar-me no curso e acreditar ser possível uma prática psicológica emancipatória” (P 158, 9º período).

As justificativas dos estudantes retratam elementos do debate sobre a formação e a atuação do psicólogo nos últimas décadas. Ressalva-se que essas evocações e justificativas não são tão recorrentes quanto aquelas em que se ressalta os atributos pessoais, o que nos conduz a inquirir se tais vozes não estariam apontando situações de antinomia (Marková, 2006) no desenho do psicólogo. Ora, como afirma Marková (2006) as antinomias e seus tensionamentos provocam movimentos nas representações sociais, assim, a presença dessas vozes antinômicas, embora em menor número, poderiam indicar uma movimentação nas representações sociais de psicólogo, em que esse profissional não seria apenas aquele que ajuda as pessoas de forma individual, mas que pautaria sua atuação de modo ético e político, lidando com demandas para além daquelas previstas no âmbito do consultório, conforme o que Mello (1975/2010, 1989) já defendia.

A TALP evidencia a necessidade de aprofundar a discussão sobre o compromisso a que os participantes remetem, buscando responder quais seriam as direções desse comprometimento. Nesse sentido, seguimos com as reflexões de Yamamoto (2012) que trata das possibilidades de elaboração de um projeto ético-político para a profissão.

Nessas reflexões, o referido autor questiona se um projeto único seria possível, mas, ao mesmo tempo, pontua a pertinência de se assumir um projeto que, em sua proposição, deve ser crítico e progressista (Yamamoto, 2012). De fato, compreendemos que essa elaboração deve estar articulada à formação profissional e ao currículo de Psicologia. Como discorremos previamente, o modelo clínico tradicional tornou-se hegemônico e pauta práticas em diferentes âmbitos, todavia, também vem se vislumbrando que outras formas de atuação têm sido construídos e se contrapõem a esse modelo, diversificando as possibilidades de intervenção. Daí, ao longo do processo formativo é preciso pensar atividades que permitam o diálogo, que criem tensionamentos entre as diversas formas de saber e fazer a Psicologia, visando a reflexão sobre a construção desse projeto ético-político.

Denominamos por “Função” o campo 2, que corresponde à função atribuída ao psicólogo. Nesse campo, os termos reunidos apontam para a questão “para que serve o psicólogo?” e tem como palavras evocadas: ajudar, cuidar, autoconhecimento, orientação, vida, mudança, etc. Dentre tais palavras, destacamos ajudar - e suas proximidades semânticas -, que foi a mais citada, com 38 evocações.

Tal destaque nos provocou a questão: a que tipo de ajuda referem-se os estudantes? A justificativa a seguir ilustra essa ajuda: “Acredito que o ponto de partida para se tornar um bom profissional (não necessariamente apenas nessa área) seja a de que precisamos ajudar as pessoas, representando, assim, alguém em quem elas podem confiar e que os ajudará a se conhecerem melhor e encontrar soluções para os seus problemas, conforto para as suas angústias” (P 11, 1º período).

Para responder nossa questão, iniciamos com outras investigações em que “ajuda” também esteve presente, como o trabalho de Praça e Novaes (2004) que pesquisou, na cidade do Rio de Janeiro, as representações sociais da Psicologia e do trabalho do psicólogo para 375 estudantes do penúltimo ano de graduação dos cursos da área da saúde - dentre os quais, Psicologia. Em suas discussões, as autoras destacam a subcategoria “função assistencialista” quanto à caracterização da Psicologia, sendo esta representada como a profissão que pode ajudar incondicionalmente o outro.

No estudo de Lahm e Boeckel (2008), “ajuda” também se fez largamente presente quando investigaram as representações sociais do psicólogo para usuários de uma clínica-escola de Taquara, Rio Grande do Sul e, dentre os resultados, constatou-se uma representação social de psicólogo como um profissional que ajuda, orienta, entende e auxilia na resolução de conflitos e problemas. Nessa direção, as autoras observam que a ajuda a que se referem seus participantes associa-se ao indivíduo, à solução de problemas e ao caráter clínico e terapêutico.

Ainda nesse campo, cabe-nos discutir sobre o termo “cuidado”, uma vez que esse item ilumina a posição tensionada em que os estudantes se situam ao longo de seu processo formativo. Cuidado – ao qual acrescentamos, por aproximação semântica, cuidar e cuidador – foi a segunda palavra mais evocada nesse campo, com 22 menções. O que seria esse

cuidado? Vejamos uma das justificativas: “[...] depois disso há a visão humanizada, não conseguirei ‘cuidar’ do outro se não tiver um olhar mais humano. O terceiro é a responsabilidade que eu tenho para com o outro” (P 125, 7º período).

As justificativas revelaram múltiplos sentidos para o cuidado: amparo, nova ética, atenção ao paciente... Tal polissemia conduz-nos a duas reflexões relevantes. A primeira diz respeito à intensificação da discussão, no campo da saúde de forma geral e na Psicologia de modo específico, sobre a atenção à saúde e às alternativas ao modelo médico tecnicista de assistência. Nessas discussões, trata-se da ética do cuidado, da humanização e do respeito à alteridade.

Em um ensaio sobre a humanização das práticas de saúde, Ayres (2004) enfoca a necessidade de reconstruir o cuidado em saúde em termos de ética, política e técnica, em que, nessa reconstrução se enfatize as relações que se desenvolvem na saúde. Assim, assume “o termo Cuidado como designação de uma atenção à saúde imediatamente interessada no sentido existencial da experiência do adoecimento, físico ou mental, e, por conseguinte, também das práticas de promoção, proteção ou recuperação da saúde” (Ayres, 2004, p. 22).

Desse modo, quando se fala em cuidado, não se está tratando somente do aparato técnico e operativo. O cuidado, aqui, vai além, referindo-se ao encontro terapêutico, que é permeado por elementos como o projeto de vida, a confiança, a responsabilidade para com o outro e construção da identidade (Ayres, 2004).

Algumas das justificativas dos participantes, em especial daqueles de períodos mais avançados, propiciam melhor visualização dessa discussão: “[...] depois disso há a visão humanizada, não conseguirei “cuidar” do outro se não tiver um olhar mais humano. O terceiro é a responsabilidade que eu tenho para com o outro” (P 125, 7º período).

O que se depreende é que o cuidado está associado ao diálogo, à relação, ao respeito e responsabilidade em relação ao outro. Consideramos tais observações relevantes, uma vez que, articuladas com as evocações do primeiro campo relativas ao compromisso e à ética, permitem a visualização de uma imagem de psicólogo com elementos diferentes daqueles

presentes no modelo clínico tradicional. Tais elementos, por seu turno, podem sinalizar movimentações significativas das representações sociais dessa profissão.

A segunda reflexão aponta que há justificativas que remetem ao cuidado a partir de traços hodiernamente problematizados na assistência à saúde. É o caso da visão de saúde em oposição a de doença, do foco no problema, da ênfase na dimensão técnica e curativista e de um modelo tradicional de atuação, cuja dimensão ético-política fica esquecida: “Nessa profissão é muito importante ser ouvinte para poder entender o paciente e chegar a um diagnóstico e posteriormente cuidar deste paciente” (P 68, 3º período).

Aqui, o termo cuidado está vinculado ao modelo clínico tradicional. Trata-se de uma relação entre o psicólogo, que é aquele que cuida, e o paciente, que é aquele que tem um problema e será alvo de cuidados.

O estudo de Carvalho, Bosi e Freire (2008) pode contribuir para elucidar esse tópico. Neste trabalho, os autores objetivaram analisar os sentidos do cuidado na assistência à saúde mental a partir das percepções de psicólogos que atuam nesse âmbito. Para tanto, entrevistaram oito profissionais da Psicologia de Fortaleza, no Ceará, que pertenciam ao quadro funcional da rede estadual de saúde.

Dentre seus resultados, destacamos a dimensão cuidado como técnica, que diz respeito às práticas referentes aos modelos tradicionais da biomedicina e da Psicologia Clínica. Nessa dimensão, a relação entre profissional e usuário não é de diálogo, mas de dependência no tocante ao serviço e à ajuda especializada. Ainda, os autores observam que o cuidado é concebido como um conjunto de procedimentos técnicos (Carvalho et al., 2008), sendo o diagnóstico, a escuta, o acolhimento, a atenção e a ética reduzidos à visão de ferramentas do trabalho voltadas à resolução dos problemas do “paciente”.

Diante disso, cabe aqui tecer algumas relações entre ajuda e cuidado de modo a compor a rede de significados dos elementos do campo semântico de “psicólogo”. A partir das evocações dos estudantes, compreende-se que ajuda e cuidado configuram-se como as funções centrais do psicólogo, sendo que o segundo vai ganhando força entre as turmas mais avançadas do curso,

em especial, a partir do sétimo período, envolvendo-se em uma linguagem que os demarca profissionalmente (Quadro 2). Já com a ajuda, ocorre um movimento oposto: sua força maior está nos períodos iniciais, desvanecendo à medida que os semestres avançam. Entretanto, vale ponderar que, se por um lado, o termo cuidado associa-se às discussões coerentes com a proposta de humanização da assistência à saúde, por outro, as justificativas sobre o cuidado também remetem a uma continuidade do modelo de assistência tradicional, associado à Psicologia em uma perspectiva assistencialista e curativista.

**Quadro 2 – Frequência da evocação das palavras  
"Ajuda" e "Cuidado" por período**

Palavras evocadas	Frequência de evocações por período				
	1 <sup>o</sup>	3 <sup>o</sup>	5 <sup>o</sup>	7 <sup>o</sup>	9 <sup>o</sup>
Ajuda	10	14	05	06	03
Cuidado	02	03	03	12	02

No que tange às representações sociais em foco, o que se depreende é que os estudantes estão se apropriando das discussões que ocorrem na formação sobre e ética do cuidado e a humanização na saúde. Isso é evidenciado pelo uso de terminologias apropriadas e pela descrição das práticas nesse âmbito. No entanto, alguns sentidos para o cuidado são esvaziados e reconfigurados de forma tal que aspectos centrais são suprimidos. É como se o cuidado assumisse sentidos semelhantes aos de ajuda, porém travestido pelos discursos que indicariam uma maior profissionalidade.

Tomando como norte o processo de (re)constituição de representações sociais, pode-se traçar a hipótese de que se trata da movimentação do mecanismo de ancoragem, visando a apropriação dos conceitos estudados durante a formação. Conforme Moscovici (2005), na ancoragem, um objeto social é comparado ao sistema de referências preexistentes e, nesse processo, ele é categorizado e reajustado de acordo com as necessidades do grupo. É o caso de cuidado e suas discussões realizadas na formação: o cuidado vai sendo ancorado, reapropriado, aproximando-se da ajuda, o que propicia alterações em seus sentidos.



Os movimentos ora descritos, propiciam compreender as relações entre os saberes dos universos consensual e reificado. A formação profissional não implica em uma troca automática entre o saber do cotidiano e aquele científico. Considerando o conceito de polifasia cognitiva (Moscovici, 2005, 1976/2012), argumenta-se que os diferentes conhecimentos não se substituem meramente, mas dialogam, interagindo, tensionando-se e promovendo sínteses.

O campo 3, intitulado “Trabalho”, refere-se às formas de trabalho do psicólogo, posto que, para realizar suas funções apresentadas no segundo campo, o psicólogo deve lançar mão de estratégias e ferramentas relativas à profissão, assim como deve atuar em conjunto com determinadas pessoas ou grupos. Aqui, estão dispostos termos como: escuta, terapia, clínica, compreensão, acolher, conselho, análise, comunidade, pessoas.

Ressaltamos as palavras “escuta” e “acolhimento” por considerar que elas trazem referências às intervenções que transcendam ao modelo médico tecnicista. No entanto, é válido acrescentar que essas referências também têm relação com as imagens tradicionais de psicólogo, como ilustra o escrito: “Porque eu coloquei o ‘acolhimento’ para entender o que o psicólogo inicialmente deve fazer, acolher o que está sofrendo, isso seria feito a partir da ‘Escuta’ e, com isso se chegaria a ‘Saúde mental’, que seria a ideia de cura que almejamos ao procurar um psicólogo” (P 109, 7º período).

Tal como cuidado, escuta e acolhimento revelam o tensionamento entre os conceitos no processo formativo: por um lado, são considerados ferramentas fundamentais ao trabalho do psicólogo, em especial no âmbito da saúde, enfocando o diálogo e a ética do cuidado. De acordo com Ayres (2004), a dimensão dialógica do encontro deve ser ressaltada, o que se torna possível pelo interesse autêntico em ouvir o outro.

Ainda conforme Ayres (2004, p. 23), à “capacidade de ausculta e diálogo tem sido relacionado um dispositivo tecnológico de destacado relevância nas propostas de humanização da saúde: o acolhimento”. Nessa direção, escuta e acolhimento implicam em encontro, na necessidade de estar disponível a esse encontro, o que foi apropriado pelos participantes.

Por outro lado, a prática clínica tradicional continua presente nas justificativas dos estudantes, em especial naquelas das turmas mais

jovens. Destarte, a despeito da profusão de discussões que localizam o cuidado, a escuta e o acolhimento, entre outros, em espaços distintos do trabalho do psicólogo, é a clínica de consultório que as justificativas evocam recorrentemente.

É, pois, nesse campo, que a prática clínica pautada no modelo médico é evidenciada de modo mais presente. Além disso, as justificativas referentes à clínica alocam-na como a área mais conhecida e que desperta maior interesse entre os estudantes. Vejamos a justificativa a seguir: “A primeira é a mais importante pelo fato que se inicia o processo de acolhimento e ajuda para o sujeito que está sem conseguir sair de seus problemas, depois vem a escuta como método fundamental do psicólogo e dessa forma minimizará o sofrimento” (P 126, 7º período).

Consolidada no imaginário social, a Psicologia Clínica foi, por diversas vezes, evocada na TALP. Tal como neste estudo, em outras pesquisas também se observa a ênfase dos estudantes na clínica tradicional (Cruces, 2006; Poppe & Batista, 2012; Silveira & Nardi, 2008). Com efeito, sua onipresença neste estudo é verificada devido à sua inserção nos diferentes campos semânticos, na medida em que as justificativas permitem constatar que expressões e termos que compõem outros campos semânticos estão vinculados, diretamente ou não, à prática nessa área.

O perfil, a função e o trabalho desenhados denotam, comumente, a prática clínica. Inclusive, até quando os estudantes mencionam que há outras formas de intervenção na Psicologia, a imagem do psicólogo clínico é realçada: “1- A função do psicólogo é trabalhar com pessoas. 2- tentar ajudar ou indicar soluções para tentar ajudar pessoas. 3- buscar entender os problemas colocados pelo paciente, através dos relatos que eles trazem” (P 50, 3º período).

As evocações e justificativas associadas à clínica que permeiam os campos semânticos proporcionam visualizar a constituição do núcleo figurativo de psicólogo como um clínico. Isto significa que os traços que (re)compõe o sistema de referências dos estudantes sobre o psicólogo são objetivados na figura do clínico.

Moscovici (2005) explica que a objetivação tem a intenção de dar realidade ao objeto social. Com ela, o objeto ganha tangibilidade e

concreticidade, que são proporcionadas pela emergência do núcleo figurativo. Este núcleo diz respeito a um complexo de imagens que reproduzem de modo visível um complexo de ideias, permitindo ao grupo buscar paradigmas que o orientem em seu dia a dia.

Não obstante, reafirmamos a impossibilidade de considerar as representações sociais de modo estático (Marková, 2006). Assim, vale mencionar as possibilidades de modificações no modelo clínico que podem atingir as representações sociais (Praça & Novaes, 2004). Ao longo de seus escritos, Praça e Novaes (2004) abordam a categoria “local de trabalho do psicólogo”, que, pelas respostas apresentadas, superou a ideia de consultório, sendo também elencados locais, como hospital, escola, clínica, presídio, além de condomínios, sindicatos e igrejas e centro espírita. Tais respostas conduzem as autoras a inferir sobre a possibilidade de uma representação mais diversificada do trabalho do psicólogo. Ressalvamos que outros dados demonstram a continuidade do caráter assistencialista da profissão, porém, é pertinente acompanhar essas mudanças para compreender possíveis mobilizações nas representações sociais.

Para ratificar a observação de um desenho em movimento, visualiza-se, nesse campo, uma palavra destoante: comunidade (a qual somamos os termos “povo” e “grupo”). Apesar de haver poucas evocações, considera-se sua relevância por apontar um público com o qual o psicólogo atua, mas que tem diferenças em relação ao alvo tradicional do trabalho da Psicologia, que é o indivíduo. Ilustramos essa palavra com uma de suas justificativas: “Afeto ficou no ponto mais alto da hierarquia porque é através do afeto, do sentir-se afetado pelos problemas pelas más condições que sou impulsionada a agir e a querer transformar. A comunidade ficou em 2º lugar porque embora seja o público-alvo do meu trabalho – eu queria ir até as pessoas – eu não chegaria até ela se não estivesse movida e afetada por seus interesses. Compreensão foi a primeira palavra pensada, mas última na hierarquia porque o curso de Psicologia mudou completamente minha visão do mundo: indignação e desejo de mudança” (P 142, 9º período).

Em contraste com as justificativas anteriores, esta indica as mudanças que a formação do psicólogo no Brasil vem atravessando, especialmente quanto ao trabalho em espaços institucionais e comunitários. Nessa altura,

resgatamos Mello (1989) e sua defesa de que o psicólogo deve atuar em nível institucional, mas de forma tal que não reproduza a prática baseada no modelo da clínica tradicional.

As críticas de Mello mantêm-se pertinentes, contudo, é preciso atentar para uma maior presença de currículos que contemplem a pluralidade da Psicologia, não se resumindo à formação em Clínica e visando abarcar temáticas sobre o contexto brasileiro e o posicionamento crítico do psicólogo. Com efeito, em 2010, Mello reviu seus escritos, alertou para a manutenção de certas lógicas tradicionais nos currículos, mas, utilizando-se de um tom otimista, observou a existência de uma maior diversificação dos serviços de Psicologia e de intervenções com maior vocação social (Mello, 2010).

O campo quatro, nominado “Ciência”, corresponde ao entendimento de que a Psicologia é uma profissão, mas também se configura como ciência. Nesse caso, seu objeto de estudo é, principalmente, a mente e o comportamento, os quais estão presentes em várias evocações e justificativas.

Também há, nesse campo, a evocação de palavras como ciência e pesquisa. A despeito disso, é preciso registrar que as evocações de termos como profissional e profissão surgem em maior profusão do que ciência e pesquisa, o que permite a inferência de que há uma maior ênfase na visão do profissional do que do olhar para o âmbito científico.

Outro termo que consideramos relevante é “conhecimento”, cuja evocação sinaliza a importância que este possui para os estudantes, visto que o conhecimento fundamenta a profissão. Conforme as justificativas, o psicólogo deve possuir conhecimentos diferenciados que fundamentem sua ação, os quais são provenientes de estudos e de sua formação e se diferenciam significativamente daqueles saberes considerados do senso comum. Segue uma das justificativas desse campo: “Ciência: pois o nosso conhecimento difere do senso comum e deverá, necessariamente, fazer uma diferença positiva na vida das pessoas” (P 161, 9º período).

Apesar dessa diferenciação entre os tipos de conhecimentos, refletimos que o centro da discussão não deve se ater a hierarquizar conhecimentos, como se os saberes científicos fossem superiores àqueles produzidos no cotidiano. Amparadas em Marková (2006) e em Wagner et al (2011),

sublinhamos o diálogo entre os saberes como elemento central na formação do psicólogo, bem como reconhecemos a polifasia cognitiva presente nessa formação. Assim, cada conhecimento possui sua racionalidade e estas não devem ser hierarquizadas. Moscovici (2005) nos lembra que os universos consensual e reificado são distintos, mas, isso não os impede de se tangenciarem, dialogarem e se constituírem mutuamente, de modo dialógico.

Diante disso, compreendemos que esse diálogo pode ser facilitado a partir de uma sólida e permanente formação científica. A intenção é que o estudante possa construir referências e instrumentais que norteiem sua compreensão e problematização de seus contextos de trabalho.

O campo 5, chamado “Processo Formativo”, expõe como os graduandos compreendem seu processo formativo. São destaques desse campo, os itens estudos, luta e formação, que apontam para as dificuldades do processo, necessidade de se dedicar aos estudos, além dos obstáculos e renúncias requeridas ao longo da formação. Outros destaques dizem respeito aos termos profissão, sonho, futuro, realização, desafio, estabilidade, os quais explicitam o que os discentes desejam para o futuro: ter uma profissão tão sonhada e serem realizados no que fazem. Segue uma das justificativas: “Em primeiro a luta, pois para se formar e ser um psicólogo é preciso lutar pelos direitos, e por melhorias durante toda a formação, [...] e em terceiro sonho, por conta da luta, e da busca por aquilo que se deseja, que se quer” (P 64, 3º período).

Em seu estudo sobre as representações sociais de interiorização universitária para os estudantes da UFAL/Unidade de Palmeira dos Índios, Lima (2012) constatou a força que a luta possui ao longo da formação tanto dos estudantes de Psicologia, como de Serviço Social. Os referidos estudantes tratavam tanto das lutas pessoais no que concerne aos esforços individuais empreendidos no estudo como das lutas coletivas, referentes às mobilizações da comunidade acadêmica, que envolvia estudantes, professores e técnicos e que reivindicavam condições de estudo e trabalho. Salienta-se, de acordo com Lima (2012) que tais lutas são elementos constituintes da imagem do graduando da UFAL de Palmeira, demarcando sua pertencimento.

Também mencionamos o trabalho de Silveira e Nardi (2008), que foi realizado em um curso privado de Psicologia do interior do Rio Grande do Sul e expõe trajetórias de luta durante a formação universitária. Objetivando compreender a expectativa de inserção profissional de formandos de Psicologia, os autores observaram que a conclusão do ensino superior representa a possibilidade de mobilidade social e requer várias renúncias e esforços. Assim, “Constroem um projeto e apostam seus recursos, sua energia, seu tempo, seus sonhos, em busca daquele trabalho, distinto do que executavam, e que teria valor maior no mercado [...]” (Silveira & Nardi, 2008, p. 234).

Finalmente, os autores argumentam que, nesse processo, os estudantes almejam a identidade vinculada ao psicólogo clínico. O sonho se relaciona a ser psicólogo e ter consultório próprio, seguindo um caminho considerado de sucesso, de autonomia e de dinheiro, conforme o imaginário popular, mas que não necessariamente confere com a realidade (Silveira & Nardi, 2008).

## TRAÇOS FINAIS: À BUSCA POR NOVOS DESENHOS

Neste trabalho, objetivamos discutir os primeiros resultados de uma pesquisa sobre as representações sociais de psicólogo, intencionando sustentar a afirmação de que o estudo em representações sociais é relevante para empreender reflexões acerca da formação profissional. Nesta perspectiva, discorreremos sobre a formação em Psicologia, traçando elementos do modelo tradicionalmente enfatizado nessa formação e elencando questionamentos acerca desse desenho, bem como apresentamos estudos que defendem o redesenhar desse modelo formativo e o delineamento de um projeto ético-político para a profissão.

Os dados produzidos com a TALP sinalizam que a imagem delineada pelos estudantes de Psicologia está associada aos desenhos tradicionais, que grifam uma profissão de caráter assistencialista. Contudo, também indicam algumas rasuras e novos esboços, apontando traços que precisam ser sublinhados na formação profissional: expressões como responsabilidade,

conhecimento, compromisso ético-político, ética e comunidade, revelam o esboço de um outro desenho em desenvolvimento, com elementos mais coerentes com a realidade social.

Esses achados reforçam o entendimento de que conhecer as representações que atravessam a formação em Psicologia favorece o próprio processo formativo. Nesse sentido, tal processo pode beneficiar-se de uma abertura ao diálogo entre diferentes saberes e às reflexões sobre as relações entre eles, uma vez que essas relações aprofundam e complexificam o debate sobre que imagem temos do profissional e como ela pode ser redesenhada. Enfim, ao nos depararmos com as representações sociais dos estudantes, podemos colocá-las nas rodas de discussões, de modo a ressignificar esses saberes e as práticas daí advindas.

## REFERÊNCIAS

- Ayres, J. R. de C. M. (2004). O cuidado, os modos de ser (do) humano e as práticas de saúde. *Saúde e Sociedade*, 13(3), 16-29. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902004000300003>.
- Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bernardes, J. de S. (2012). A formação em Psicologia após 50 anos do Primeiro Currículo Nacional da Psicologia: alguns desafios atuais. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(spe), 216-231. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932012000500016>.
- Bock, A. M. B. (2009). Psicologia e sua ideologia: 40 anos de compromisso com as elites. In A. M. B. Bock (Org.). *Psicologia e o compromisso social* (pp. 15-28). São Paulo, SP: Cortez.
- Botomé, S. P. (2010). A quem nós, psicólogos, servimos de fato? In O. Yamamoto & A. L. F. Costa (Org.). *Escritos sobre a profissão de psicólogo no Brasil* (pp. 171-203). Natal, RN: EDUFRRN. (Original publicado em 1979)
- Brasil. (1962). *Lei n. 4.119, de 27 de agosto de 1962*. Dispõe sobre os cursos de formação em psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo. Recuperado de <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=113975>.

- Brasil. (2011). *Resolução n. 5, de 15 de março de 2011*. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia, estabelecendo normas para o projeto pedagógico complementar para a Formação de Professores de Psicologia. Recuperado de [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=7692-rces005-11-pdf&category\\_slug=marco-2011-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7692-rces005-11-pdf&category_slug=marco-2011-pdf&Itemid=30192).
- Carvalho, L. B., Bosi, M. L. M., & Freire, J. C. (2008). Dimensão ética do cuidado em saúde mental na rede pública de serviços. *Revista de Saúde Pública*, 42(4), 700-706. <https://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102008005000033>.
- Cruces, A. V. V. (2006). *Egressos de cursos de Psicologia: preferências, especializações, oportunidades de trabalho e atuação na área educacional* (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Dimenstein, M. (2000). A cultura profissional do psicólogo e o ideário individualista: implicações para a prática no campo da assistência pública à saúde. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 5(1), 95-121. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2000000100006>.
- Dimenstein, M., & Macedo, J. P. (2012). Formação em Psicologia: requisitos para atuação na atenção primária e psicossocial. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(spe), 232-245. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932012000500017>.
- Lahm, C. R., & Boeckel, M. G. (2008). Representação social do psicólogo em uma clínica-escola do município de Taquara/RS. *Contextos Clínicos*, 1(2), 79-92. Recuperado de: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-34822008000200004&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822008000200004&lng=pt&tlng=pt).
- Leme, M. A. V. da S., Bussab, V. S. R., & Otta, E. (1989). A representação social da Psicologia e do psicólogo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 9(1), 29-35. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98931989000100009>.



- Lima, C. C. V. (2012). *A interiorização em foco: um estudo sobre as representações sociais de interiorização da Universidade Federal de Alagoas para discentes da Unidade de Palmeira dos Índios* (Monografia). Universidade Federal de Alagoas, Palmeira dos Índios, AL, Brasil.
- Lisboa, F. S., & Barbosa, A. J. G. (2009). Formação em Psicologia no Brasil: um perfil dos cursos de graduação. *Psicologia: ciência e profissão*, 29(4), 718-737. Recuperado de: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932009000400006&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000400006&lng=pt&tlng=pt).
- Macedo, J. P., & Dimenstein, M. (2011). Expansão e interiorização da Psicologia: reorganização dos saberes e poderes na atualidade. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(2), 296-313. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932011000200008>.
- Marková, I. (2006). *Dialogicidade e representações sociais: as dinâmicas da mente*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Mello, S. L. de. (2010). Psicologia: características da profissão. In O. Yamamoto, & A. L. F. Costa (Org.). *Escritos sobre a profissão de psicólogo no Brasil* (pp. 143-163). Natal, RN: EDUFRRN. (Original publicado em 1975)
- Mello, S. L. de. (1989). Currículo: quais mudanças ocorreram desde 1962?. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 9(1), 16-18. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98931989000100004>
- Mello, S. L. de. (2010). Por que escrevemos antes, por que escrevermos agora? In O. Yamamoto & A. L. F. Costa (Org.). *Escritos sobre a profissão de psicólogo no Brasil* (pp. 165-170). Natal, RN: EDUFRRN.
- Moscovici, S. (2012). *A psicanálise, sua imagem e seu público*. Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 1976)
- Moscovici, S. (2005). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis, RJ: Vozes.

- Oliveira, D. C. de, Marques, S. C., Gomes, A. M. T., & Teixeira, M. C. T. V. (2005). Análise das evocações livres: uma técnica de análise estrutural das representações sociais. In A. P. Moreira, B. V. Camargo, J. C. Jesuíno, & S. M. Nóbrega (Orgs.). *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais* (pp. 573-603). João Pessoa. PB: UFPB/ Editora Universitária.
- Poppe, A. R. S., & Batista, S. H. S. da S. (2012). Formação em Psicologia no contexto das diretrizes curriculares nacionais: uma discussão sobre os cenários da prática em saúde. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(4), 986-999. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932012000400016>.
- Praça, K. B. D., & Novaes, H. G. V. (2004). A representação social do trabalho do psicólogo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 24(2), 32-47. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932004000200005>.
- Reis, C. dos, & Guareschi, N. M. de F. (2010). Encontros e desencontros entre Psicologia e Política: formando, deformando e transformando profissionais de saúde. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30(4), 854-867. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932010000400014>.
- Seixas, P. de S. (2014). *A formação graduada em Psicologia no Brasil: reflexão sobre os principais dilemas em um contexto Pós-DCN* (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil.
- Silveira, S. M., & Nardi, H. C. (2008). Formação em psicologia e vulnerabilidade social: um estudo das expectativas de inserção profissional de formandos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 28(2), 228-243. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932008000200002>.
- Wagner, W., Hayes, N., & Palacios, F. F. (2011). *El discurso de lo cotidiano y el sentido común: la teoría de las representaciones sociales*. México: Anthropos Editorial.
- Yamamoto, O. H. (2009). Questão social e políticas públicas: revendo o compromisso da Psicologia. In A. M. B. Bock (Org.). *Psicologia e o compromisso social* (pp. 37-54). São Paulo, SP: Cortez.
- Yamamoto, O. H. (2012). 50 anos de profissão: responsabilidade social ou projeto ético-político?. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(spe), 6-17. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932012000500002>.